

Algo de novo e belo
está acontecendo nas

Farmácias comunitárias

(SEGUNDA PARTE)

Um programa desenvolvido pelo CFF, do qual faz parte um curso de qualificação profissional ministrado, nas capitais e que chegará ao interior, está mudando o comportamento, os pensares e fazeres dos farmacêuticos que atuam em farmácias comunitárias.

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
Editor desta revista.

A.G.S., 61 anos, achava-se um homem relativamente sadio. Tirando o diabetes que, segundo ele, estava inteiramente sob controle, nada mais o afligia. Quando precisava, comprava medicamentos numa das farmácias de uma rede, em Brasília, até que, num certo dia, foi convidado pela farmacêutica Hélen Cristina Silva a participar de um programa que ela e sua equipe de profissionais montaram em todos os estabelecimentos da rede.

Não demorou, e a investigação realizada pelo grupo de farmacêuticos revelou que seu A.G.S. estava com suspeita de hipertensão (pressão de 150 mmHg x 90 mmHg), comprovada posteriormente pelo cardiologista. Mais: a hemoglobina glicada, uma das dosagens para se avaliar o controle do diabetes, apontava para outra realidade sobre a doença. Ao invés de controlada, a taxa encontrava-se em 9,3%, quando os valores de referência são de 4,0 a 6,5%.

Sedentário e praticante de uma dieta absolutamente inadequada, seu A.G.S. dispunha de todos os ingredientes para ter a sua saúde agravada. Mas os serviços farmacêuticos chegaram primeiro. Os profissionais passaram a fazer um acompanhamento minucioso do paciente e estabeleceram novos parâmetros para o seu dia-a-dia. A., hoje, tem os níveis de glicose e de pressão normalizados.

“Eu nada sentia e, nas consultas, a minha pressão era sempre normal”, lembra A.G.S. Ele conclui: “No início, fiquei desconfiado, como um bom mineiro que sou, com o convite da Dra. Hélen para ser acompanhado pelos farmacêuticos da equipe. E foi muito bom ter recebido os seus serviços. Se não fossem eles, os farmacêuticos, eu não saberia que era hipertenso. Senti muita segurança neles. Além disso, criamos um vínculo. Sinto falta de vir, aqui à farmácia, toda semana”.



Atualmente, A.G.S. continua recebendo os cuidados farmacêuticos, mas apenas uma vez a cada três meses. Esse intervalo está previsto no programa criado pelos profissionais. “Depois que o paciente atinge uma meta, o nosso acompanhamento passa a ter esta periodicidade”, justifica Hélen Cristina. Hoje, a equipe atende sistematicamente a 71 pacientes.



QUALIDADE É PARADIGMA – Esta experiência está se desenvolvendo na Unicom, uma rede de 15 estabelecimentos localizados, em Brasília, Goiânia e Palmas, e fundada, há 25 anos. A atenção farmacêutica qualificada é uma política administrativa da rede, o coração das ações dos seus farmacêuticos e, também, uma questão de fé. O paradigma instituído pela diretoria da empresa é a qualidade dos serviços dos seus farmacêuticos.



Por conta dessa política, orientada como prioridade empresarial, quase todos os profissionais tiveram que fazer o curso *Exercício Profissional Diante dos Desafios da Farmácia Comunitária*, realizado pelo Ce-

Sedentário e praticante de uma dieta absolutamente inadequada, seu A.G.S. dispunha de todos os ingredientes para ter a sua saúde agravada. Mas os serviços farmacêuticos chegaram primeiro

brim (Centro Brasileiro de Informações sobre Medicamentos)/CFF (Conselho Federal de Farmácia).



Farmacêutica Hélen Cristina Silva, Coordenadora da equipe: “O curso nos dá subsídios para fazermos um atendimento diferenciado”

Os que não o fizeram por falta de vaga foram instruídos e treinados pelos colegas. “O curso do CFF desperta no farmacêutico o desejo de ser útil à sociedade. Ele nos dá subsídios para fazermos um atendimento diferenciado”, explica a farmacêutica Hélen Cristina Silva, Coordenadora da equipe.

Equipe, dentro da empresa, é um termo levado muito a sério, com todas as implicações que o universo farma-

“A equipe de farmacêuticos conseguiu proezas, como estabelecer diálogos cotidianos e permanentes com médicos, nutricionistas e enfermeiros”

cêutico lhe empresta. A cada semana, os profissionais reúnem-se para discutir os casos clínicos dos seus pacientes e para planejar ações. A equipe, em Brasília, é formada pelos farmacêuticos Hélen Cristina, Tânia Cristina, Ana Delian, Magali Soares, Renata Pantoja, André Guedes, Selma Mendes e Gisella Lemos.



Parte da equipe de farmacêuticos: André Guedes, Tânia Cristina, Renata Pantoja, Selma Mendes, Hélen Cristina e Gisella Lemos

ACOMPANHAMENTO DE PERTO – Movidos pela chama da atenção farmacêutica, o que os põe vibrando num mesmo diapásão de interesses, os profissionais não param de criar situações que resultem na melhoria dos seus serviços. Por exemplo, eles elaboraram um programa personalizado, voltado para o atendimento a portadores de diabetes e hipertensão, chamado SAP (Saúde Acompanhada de Perto).

O programa, que veio

com o curso do Cebrim/CFE, é uma bênção para um grupo de 60 portadores dessas doenças, que passou a contar com orientações e todo o acompanhamento necessário por parte dos farmacêuticos. Afora isso, a equipe da rede promove palestras para os beneficiários do programa SAP.

Além de farmacêuticos, as palestras são proferidas, também, por médicos, enfermeiros e nutricionistas. É a materialização do sonho do multiprofissionalismo. “A gente, com isso, está divulgando o SAP e fazendo com que a farmácia não seja vista pela população apenas como um local de venda de medicamentos, mas um espaço devotado à saúde, ao qual a população possa ir, para obter serviços”, justifica Hélen

Cristina, que faz questão de ressaltar que essas iniciativas de sua equipe são respaldadas pela diretoria da empresa.

A equipe de farmacêuticos conseguiu proezas, como estabelecer diálogos cotidianos e permanentes

com médicos, nutricionistas e enfermeiros. Dessa interação, têm surgido resultados muito positivos para o trabalho da equipe e para o bem-estar dos pacientes.

CONFIANÇA – “Assim que nós abordamos o paciente e lhe oferecemos nossos serviços, ele reage com uma certa desconfiança, mas, depois, passa a confiar em nossas ações”, diz Hélen Cristina, lembrando que a equipe utiliza-se de fichas farmacoterá-

pêuticas informatizadas, com vistas a manter o controle da saúde dos pacientes.

Outro cliente da rede, o senhor F.N., 68 anos, diabético e hipertenso, explica que existe mais assistência à criança, nos sistema público e privado, e pouca assistência ao idoso. “Mas, aqui na farmácia, eu me sinto muito bem cuidado pelos farmacêuticos. Em pouco tempo, graças aos seus serviços, a minha pressão e os níveis de minha glicose estabilizaram-se”, revela seu F.N.



Farmacêutica Renata Pantoja explica que primeiro trabalho é sensibilizar o paciente para aceitar os serviços. Depois de aceito, ele mesmo vira multiplicador de opinião.

PRÁTICA FARMACÊUTICA – Os farmacêuticos da rede informam que a prática melhorou, depois da realização do curso do Cebrim/CFE. “O conhecimento adquirido no curso e as fontes de pesquisa disponibilizadas pelo Cebrim nos dão segurança e refletem na prática profissional”, garante a farmacêutica Renata de Moura Pantoja, integrante da equipe. Ela complementa: “O curso é uma alavanca para a qualidade dos serviços”.

Renata Pantoja lembra que há uma fase do trabalho junto ao paciente que é voltada para a sua sensibilização em aceitar os serviços farma-

cêuticos. “Depois, começa a se criar um laço”, complementa. Ela informa que, em seguida, os próprios clientes multiplicam uma opinião positiva a respeito das ações desenvolvidas pelos farmacêuticos.

Se, por um lado, desfrutam de uma opinião positiva junto aos pacientes, por outro, os farmacêuticos, segundo Hélen Cristina, gozam de valorização profissional junto à diretoria da rede. Prova disso é o grande investimento feito pela empresa nos serviços de atenção farmacêutica.



Farmacêuticos ganharam sala de atendimento. Aqui, o farmacêutico André Guedes orienta paciente



Out-door, em pontos estratégicos de Brasília, anunciam os serviços farmacêuticos

A rede de farmácias criou uma confortável sala para a prestação de serviços profissionais, em cada um dos seus estabelecimentos, com ênfase no controle do diabetes e da hipertensão. A fé na atenção farmacêutica levou a rede a

colocar *out-doors*, em pontos estratégicos de Brasília, para anunciar o seu programa SAP (Saúde Acompanhada de Perto), com a seguinte legenda: “Aqui, a sua saúde é acompanhada de perto. Procure um de nossos farmacêuticos”.

Contatos com as farmacêuticas entrevistadas pela revista PHARMACIA BRASILEIRA para a matéria acima podem ser feitos pelos seguintes e-mails: Hélen Cristina Silva e Renata Pantoja: farmacêutica@unicom.far.br

Curso do CFF deixa rastro de benefícios, em Goiânia

As dúvidas que os pacientes levam ao balcão das farmácias sobre os antiinflamatórios são grandes e precisam ser dirimidas com absoluta segurança e rapidez. A afirmação é da farmacêutica goianiense Eloene Andrade Bastos, 23 anos. Por isso, as aulas do curso do Cebrim (Centro Brasileiro de Informação sobre Medicamentos), órgão do CFF (Conselho Federal de Farmácia), sobre antiinflamatórios, hipertensão, asma e diabetes tocaram fundo em sua natureza farmacêutica. “Eu trouxe todo o conjunto de informações do curso diretamente para a prática, no meu dia-dia”, disse Eloene.

Formada pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Eloene faz, agora, pós-graduação em Farmácia Hospitalar, na mesma Universidade. Ela se matriculou no curso do Cebrim/CFF, incentivada pela direção da



Farmacêutica Eloene Bastos: “Muitos pacientes vêm à farmácia, não necessariamente para adquirir o medicamento, mas para se orientar comigo”.

Atenção Farmacêutica

farmácia onde atua, a Drogaria Santa Marta, uma rede de 53 estabelecimentos, em Goiânia, Anápolis e Brasília.

Os pacientes, de acordo com a farmacêutica, têm muitas dúvidas sobre antiinflamatórios, após iniciarem o seu uso, e elas estão associadas sempre a dores no estômago e dermatites (reações alérgicas). “Vêm mui-



Farmacêutico Danilo Caser diz ter sofrido evolução profissional, graças ao efeito do curso do Cebrim/CFF

tos pacientes à farmácia, não necessariamente para comprar o medicamento, mas para se orientar comigo ou com os colegas farmacêuticos, porque adquiriram confiança na gente e na farmácia”, explica.

ORIENTAÇÃO PREVENTIVA - Para Eloene Bastos, o grande trabalho do farmacêutico, na farmácia, deve ser a “orientação preventiva”. A farmacêutica diz sentir-se preparada para enfrentar os desafios impostos pelo dia-a-dia da farmácia, graças à segurança que adquiriu no campo clínico. Revela que tirou dúvidas importantes sobre medicamentos e sobre doenças. “O curso me estimulou a estudar Farmacologia, cada vez mais”, revela.

A farmacêutica Eloene Bastos informa que a sua segurança inspira confiança nos pacientes.

Essa confiança é passada de paciente para paciente, sob a forma de opinião. “Nesses três anos em que trabalho na rede, venho percebendo um aumento muito grande do número de pacientes que exigem ser atendidos pelo farmacêutico”, comemora.

Com o curso do Cebrim/CFF, ela vai deixando, cada vez mais distante, dúvidas que trouxe da graduação em Farmácia, como aquelas que tinha sobre interações medicamentosas. “As aulas do curso do Cebrim sobre interações foram definitivas para o meu conhecimento”, diz a farmacêutica. E arremata: “Acredito que está chegando o tempo de a farmácia assumir o seu sentido de estabelecimento de saúde”.

VISÃO COMPLEXA DO PACIENTE - Outro farmacêutico de Goiânia que diz ter sofrido uma grande transformação profissional, graças ao efeito do curso do Cebrim/CFF, é Danilo Caser. Farmacêutico pela UFG com habilitação em Indústria e especialização em Acupuntura, Presidente do Sindicato dos Farmacêuticos do Estado de Goiás e um dos fundadores da Aprofarma (Associação de Farmacêuticos Proprietários de Farmácia), Caser é um entusiasta da atenção farmacêutica.

Sócio-proprietário da Farmácia Oficina de Saúde, em Goiânia, Danilo Caser diz que o curso do Conselho Federal de Farmácia o marcou muito, principalmente, porque o fez enxergar o cliente com paciente, com a devida complexidade de profissional da saúde.

“Nós, farmacêuticos, vivemos em um ambiente onde se comercializa produtos – os medicamentos -, mas não po-

demos aceitar que, neste ambiente, o interesse pelas vendas sobreponha o interesse da saúde”, analisou o farmacêutico, acrescentando: “O farmacêutico precisa ter preparo, consciência e pulso firme para não permitir que a farmácia debande-se para o mercantilismo”.

De acordo com Danilo Caser, o curso oferecido pelo Cebrim/CFF dá ao farmacêutico instrumentos para que ele insira no ambiente de trabalho os seus serviços de saúde e a sua consciência profissional.

“O curso aprimorou os nossos conhecimentos no campo da farmácia clínica, que são utilizados em atenção primária na lida com várias doenças, como a hipertensão, a diabetes e doenças do aparelho respiratório, entre outras. Por isso, foi tão decisivo para o nosso dia-a-dia ao balcão da farmácia”, comentou o farmacêutico.

Danilo Caser, entretanto, prevê que ainda falta muito para que a farmácia resgate o seu sentido sanitário, não por falta de empenho do farmacêutico, mas por culpa dos interesses mercantilistas que ainda definem a conduta dos estabelecimentos. “Muitos farmacêuticos ainda não perceberam o tamanho do seu potencial na atenção primária como prestadores de serviços à população”, salientou.

Caser disse que o curso tem o dom de ampliar a visão sanitária e social do farmacêutico que atua em farmácia comunitária. “Com esses conhecimentos adquiridos, nós ficamos muito mais seguros para atuar junto ao paciente e mesmo para interagir junto ao médico, em caso de dúvida sobre a prescrição”, arrematou.

Contatos com os entrevistados podem ser feitos por e-mails. São eles:

- Da farmacêutica Eloene Andrade Bastos: ene.farm@uol.com.br

- Do farmacêutico Danilo Caser: farmaciaoficina@hotmail.com

- Da farmacêutica Helen Cristina Silva: farmacêutica@unicom.far.br

Palavras de mestres

Atenção Farmacêutica



Professor Tarcísio Palhano salienta que o curso do Cebrim/DFP desperta interesse do farmacêutico pelo retorno à prática de atividades clínicas

E os professores que ministram as aulas no curso *Exercício Profissional Diante dos Desafios da Farmácia Comunitária*, o que dizem das conseqüências deixadas pelo programa de Sistematização do Cebrim (Centro Brasileiro de Informação sobre Medicamentos) / Conselho Federal de Farmácia?

Tarcísio Palhano está responsável, no curso do CFF, pelas disciplinas *Farmácia Clínica*, *Aconselhamento ao Paciente* e *Reações Adversas a Medicamentos*. Enfatiza que este programa do Conselho Federal está corrigindo uma defasagem histórica nos currículos da graduação, no que diz respeito ao usuário do medicamento.

Palhano é farmacêutico, com especialização em Farmácia Clínica pela Universidade do Chile, Estágio em Farmácia Hospitalar em oito hospitais, em Paris e outras cidades francesas; professor adjunto do curso de Farmácia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Ex-diretor, durante 13 anos, da Farmácia do Hospital

Universitário Onofre Lopes, em Natal, pertencente à UFRN.

Para ele, os farmacêuticos trazem da graduação inúmeras deficiências. “Para começar, na graduação, os conhecimentos sobre o medicamento deixam muito a desejar e, depois, a formação clínica é praticamente inexistente”, denuncia.

As deficiências, segundo o professor Palhano, são resultado do currículo “absolutamente tecnicista e desvirtuado do foco central da formação profissional, que é o medicamento”. Acha que o currículo deveria ter um componente mais dirigido para o usuário do medicamento, além do próprio medicamento. “Isso não se pode conquistar, sem o conhecimento clínico e sem conhecimento sobre o próprio homem”, explica. Tarcísio Palhano acrescenta que os currículos carecem de conhecimentos em Antropologia, Sociologia e Filosofia.

FALTA PRÁTICA – “É lamentável que muitos acadêmicos de Farmácia terminem o curso, sem ter tido a oportunidade de lidar, uma única vez, com o paciente”, pronuncia-se o professor, complementando: “imagina o choque que ele vai sofrer, quando se defrontar com a prática profissional, com o dia-a-dia”.

Tarcísio Palhano lembra que o curso do Cebrim/CFF não é suficiente para preencher todas as lacunas deixadas pela graduação, mas desperta o interesse do farmacêutico pelo retorno à prática de atividades clínicas, perdida, ao longo dos anos, depois do advindo da indústria farmacêutica. Justifica que o programa do curso associa conhecimentos técnicos aos clínicos e humanísticos, com o objetivo de “mostrar o caminho”

ao farmacêutico. “É este despertar que move o curso e todos os seus professores”, argumenta.

Muitos farmacêuticos enfrentam barreiras para pôr em prática o que aprenderam no curso do CFF, segundo Palhano. A primeira barreira são alguns proprietários leigos, que dão aos farmacêuticos atribuições burocráticas, isso, quando eles não estão no caixa.

Quando fala em “componente clínico” (o foco das ações no paciente), Tarcísio Palhano faz o seguinte comentário: “Uma coisa é o farmacêutico saber sobre diabetes. A outra coisa é saber agir diante de um paciente diabético”.

Mas o professor está impressionado com o entusiasmo dos farmacêuticos que estão realizando o curso do CFF. “Eles se dão conta de que há muito furo na graduação e de que é preciso corrigi-los. Em seguida, se entusiasma com os novos conhecimentos adquiridos, refazem-se do choque provocado pela consciência do não saber e, aí, vem o desejo de mudar”, conclui.



Professor Arnaldo Zubioli: “Muitos cursos não têm uma bibliografia centrada na lida farmacêutica, o que é negativo”.

LONGE DO DIA-A-DIA – Outro professor que criticou a fragilidade da graduação de muitos cursos de Farmácia é Arnaldo Zubioli. Ele avalia como negativo o fato de muitos cursos não terem uma bibliografia centrada na lida farmacêutica do dia-a-dia.

Conselheiro de Farmácia pelo Paraná, Ex-presidente do CFF, Zubioli é mestre em Farmacologia e Terapêutica pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP) e tem especialização em Farmácia Clínica pela Universidade do Chile. É professor adjunto do Departamento de Farmácia e Farmacologia da Universidade Estadual de Maringá (PR).

Arnaldo Zubioli, no curso do Conselho Federal, ensina *Cuidados Farmacêuticos em Processos Inflamatórios* e *Cuidados Farmacêuticos no Sistema Digestório*. O professor chama a atenção para o fato de a maior parte dos atendimentos, na rotina das farmácias comunitárias, estar voltada para a inflamação.

O professor lembra que dos dez medicamentos mais vendidos, sete são da categoria dos analgésicos, antipiréticos e anti-inflamatórios. “O farmacêutico tem um papel preponderante, na dispensação desses produtos, ao fazer o acompanhamento do usuário com o objetivo de avaliar se o processo inflamatório é passageiro ou grave, e se requer a atenção de um médico”, realça Zubioli. Observa que as ações farmacêuticas são abrangentes, vez que não estão focadas apenas no tratamento, mas em cuidar das necessidades, expectativas e preocupações gerais do paciente.

“Dependendo do caso, o farmacêutico pode sugerir medicamentos de uso tópico e até sistêmico”, explica Arnaldo Zubioli, ponderando, entretanto, que o profissional precisa estar muito qualificado para enfren-

tar esses desafios. Lamenta que muitos farmacêuticos têm saído da Universidade, ignorando a prática dentro da farmácia. A explicação, aponta o professor, está em grande parte dos cursos de Farmácia não ensinar o acadêmico a intervir junto ao paciente.

Zubioli nota que o farmacêutico precisa, ainda, estar preparado para fazer diferentes recomendações não só relacionadas aos medicamentos, mas sobre saúde em geral. Citou, a título de exemplo, os problemas do aparelho digestório. “Difícilmente, há alguém que não tem ou não teve problemas digestórios. O sistema digestório é extremamente complexo, que começa na língua e vai até o reto, e apresenta uma infinidade de variantes. Pois bem, o farmacêutico pode intervir, em casos de problemas deste sistema, indicar medicamentos, quando for o caso, ou apenas acompanhar a terapêutica dos medicamentos prescritos pelo médico, ou indicar o médico, quando perceber que existe alguma gravidade no problema. Mas o farmacêutico precisa estar seguro para tanto. E a segurança vem da qualificação”, alerta.

O professor e Conselheiro Federal Arnaldo Zubioli aproveita para salientar o quanto o curso do Cebrim/CFF está deslocando o foco das informações. “Estamos focalizando o paciente e não apenas o medicamento em si”, diz. E acrescenta: “O medicamento não tem dose, mas, sim, o paciente que o recebe”.

DO TECNICISMO À EDUCAÇÃO EM SAÚDE – Janeth de Oliveira Silva Naves é farmacêutica pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Tem especialização em Microbiologia, e mestrado e doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília (UnB). É professora de Farmacoepidemiologia e de Estágio em Farmácia Comunitária,



Professora Janeth Naves salienta que há um esforço para fazer o farmacêutico não um tecnicista, mas um educador em saúde

na mesma UnB. Ela, também, ensina no curso *Exercício Profissional Diante dos Desafios da Farmácia Comunitária*, do CFF. É responsável pelo módulo “O Papel do Farmacêutico na Promoção da Saúde”.

Para falar sobre o curso, a professora Janeth Naves recorreu à história. Lembrou que, durante muitos anos, o cerne da formação farmacêutica foi muito tecnicista. As suas habilidades e competências eram todas relacionadas à área técnica, como a produção e mecanismos de ação do medicamento; as análises clínicas e toxicológicas etc.

Até que a Organização Mundial da Saúde (OMS), a Federação Farmacêutica Internacional (FIP) e outras organizações representativas da categoria promoveram uma série de discussões buscando formas de reintegrar o farmacêutico à equipe multiprofissional de saúde, com vistas a resgatar o seu papel de educador dentro da mesma.

A partir de então, iniciou-se um processo de reviravolta ao encaixe da atenção farmacêutica. “Mas para o farmacêutico assumir o seu papel de educador em saúde era preciso que a sua formação deixasse de ser exclusivamente tecnicista e sofresse

um processo de abrangência, com a inclusão de outras habilidades, o que começou a acontecer com a aprovação das Diretrizes Curriculares, em 2002”, explica Janeth Naves.

Trazendo o tema de farmacêutico educador em saúde para as farmácias comunitárias, a professora lembra que o papel do profissional não é só o de vender, ou fornecer o medicamento e as orientações sobre o uso, mas também identificar os

problemas de saúde da comunidade e atuar, no sentido de ajudar a resolver esses problemas.

Janeth Naves afirmou que vê ações concretas como resultado do curso do CFF, a exemplo da implantação de serviços de atenção farmacêutica em farmácias comunitárias de redes privadas, como a Rosário e a Unicom, no Distrito Federal.

Mas a professora fez uma advertência: farmacêuticos continuam encontrando dificulda-

des para pôr em prática os seus novos conhecimentos, porque muitos balconistas dificultam a aproximação dos pacientes aos farmacêuticos, porque querem, eles próprios (balconistas) atendê-los, movidos pelo interesse de ganhar as suas comissões sobre as vendas. “É preciso mudar também o modelo, para que as farmácias deixem de ser estabelecimentos comerciais e assumam a sua função de estabelecimento de saúde”, conclui.

Atenção Farmacêutica

Curso vai se expandindo pelo Brasil

- Com 144 horas, 12 módulos de 12 horas, cada, e duração de quatro meses, com aulas, sempre às sextas-feiras, das 19 às 23 horas, o curso de aperfeiçoamento profissional do Cebrim/CFF chegará a todas as capitais, de forma presencial, e aos interiores, por um programa de educação à distância.



Professor Radif Domingos faz palestra na abertura do curso, em São Luiz (MA)

O curso de aperfeiçoamento para farmacêuticos *O Exercício Profissional Diante dos Desafios da Farmácia Comunitária*, realizado pelo Cebrim (Centro Brasileiro de Informações sobre Medicamentos) / CFF (Conselho Federal de Farmácia), chegou a Maceió e São Luiz, onde será encerrado, em final de novembro e dezembro de 2006, respectivamente. O curso tem 144 horas, com 12 módulos de 12 horas, cada, e

tem duração de quatro meses, com aulas, sempre às sextas-feiras, das 19 às 23 horas.

Manaus, Belém e Natal serão os próximos endereços do curso, que está revolucionando a atividade farmacêutica nas farmácias comunitárias brasileiras.

Nessas capitais, será ministrado, de fevereiro a junho de 2007.

Implantado, em agosto de 2004, em Brasília, sob a forma de piloto e com apenas dez módulos, onde foi repetido, devido à grande procura, o curso foi realizado, em seguida, em Goiânia, com 11 módulos. Cuiabá e Fortaleza foram a terceira e quarta capitais a abrigá-lo, seguidas de Maceió e São Luís.

O Coordenador do cur-

so, professor Radif Domingos, anuncia que o objetivo é levá-lo, simultaneamente, a três capitais diferentes. Depois que cumprir o ciclo das capitais, de forma presencial, o programa passará a ser desenvolvido como modalidade de educação à distância, gradativamente, de maneira a cobrir o País inteiro, atingindo a todos os profissionais que atuam no segmento comunitário. No segundo semestre de 2007, será a vez de Porto Alegre, Salvador e Vitória.



Farmacêuticos alagoanos posam para foto, no primeiro dia de aula do curso *Exercício Profissional Diante dos Desafios da Farmácia Comunitária*, em Maceió (AL)

O poder sanitário (*ainda não exercido, plenamente*) das farmácias comunitárias

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
Editor desta revista.



Professor Radif Domingos recebeu do Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos, a incumbência de elaborar e dirigir o programa de sistematização do Cebrim, que deu origem ao curso *Exercício Profissional Diante dos Desafios da Farmácia Comunitária*

- A farmácia comunitária brasileira tem um enorme poder sanitário ainda não exercido em sua plenitude, e uma vasta capacidade de transformação da saúde não explorada.
- Curso *Exercício Profissional Diante dos Desafios da Farmácia Comunitária*, do CFF, quer fazer florescer esses dons das farmácias comunitárias, através da qualificação profissional dos farmacêuticos e de sua consciência social enquanto profissional da saúde. Seu Coordenador, Radif Domingos, avalia os efeitos do curso.

As novas e muitas exigências que recaem sobre os farmacêuticos que atuam nas farmácias comunitárias estão construindo um novo paradigma para a profissão, estruturado na super-qualificação e no conhecimento. Só resta ao farmacêutico buscar meios para se manter permanentemente atualizado, técnica e cientificamente, sob pena de ficar à margem deste moderno contexto. Sem atualização, o sol profissional não brilhará para ele. “O farmacêutico que não estiver atualizado, qualificado, provavelmente, deverá mudar de

profissão”, previne o professor Radif Domingos, em entrevista à revista PHARMACIA BRASILEIRA. Farmacêutico com pós-graduação em Análises Clínicas, Ex-diretor da Faculdade de Farmácia da Universidade Federal de Goiás (UFG), Coordenador do Centro Brasileiro de Informações sobre Medicamentos (Cebrim)/Conselho Federal de Farmácia e membro da Comissão de Pós-graduação do CFF, Radif recebeu do Presidente do CFF, Jaldo de Souza Santos, a incumbência de elaborar e dirigir o programa de sistematização do Cebrim que

deu origem ao curso *Exercício Profissional Diante dos Desafios da Farmácia Comunitária*. Abraçou com tanto empenho a missão e deposita tamanha confiança nos resultados do programa, que fala dele com indisfarçáveis emoção e entusiasmo. Do programa, faz parte um curso que está mudando o perfil do farmacêutico, todo ele focado na prática profissional. Aliás, o curso do CFF veio para isso mesmo: para provocar, instigar e mudar. A farmácia comu-

nitária brasileira tem um enorme poder sanitário ainda não exercido em sua plenitude, e uma vasta capacidade de transformação da saúde ainda não explorada, completamente. O CFF quer, com o programa, fazer florescer esses dons do segmento de farmácias comunitárias. Nesta entrevista à **PB**, Radif Domingos explica o programa e comenta o seu alcance dentro da nova realidade profissional. **Veja a entrevista.**

PHARMACIA BRASILEIRA – Que avaliação o senhor faz dos resultados do curso, nas capitais onde já foi realizado?

Radif Domingos – Quando o criamos, o Programa era composto de dez módulos, para ser implantado, em Brasília e em

meros pedidos dos conselheiros federais, resolvemos implantar o curso, em todas as capitais do País.

Através de depoimentos de farmacêuticos que participaram do curso e implantaram o Programa de Sistematização do Cebim, em suas farmácias, temos convicção de que nosso objetivo está sendo alcançado, ou seja, estamos criando no farmacêutico a postura de profissional da saúde responsável pelo medicamento e fazendo com que ele se insira no contexto social do País.

PHARMACIA BRASILEIRA – Há algum outro ajuste a ser feito no programa do curso que será ministrado em outras capitais?

Radif Domingos – Esta é a nossa grande preocupação. A par disso, os professores têm mantido, sempre, a atualização dos seus módulos. Com referência à modificação, visando à ampliação do curso, não existe qualquer intenção nesse sentido, pois já são 12 módulos. Mas não iremos parar por aí.

Posteriormente, deveremos ministrar módulos isolados, dando prosseguimento à educação permanente. É, nesse contexto, onde iremos, por exemplo, abordar os antibióticos, os antineoplásicos, anti-parasitários etc. No futuro, implantaremos o curso de especialização em farmácia clínica.

PHARMACIA BRASILEIRA – Esses módulos contemplan-

fundamentalmente a prática farmacêutica, nas farmácias comunitárias. Para o senhor, quais são as maiores deficiências do farmacêutico, nos seus fazeres diários ao balcão de uma farmácia?

Radif Domingos – Esta pergunta requer uma reflexão mais profunda. Mas, resumidamente, posso adiantar algumas deficiências. A formação do profissional é uma delas. A formação está deixando a desejar, com raras exceções, é óbvio. Há cursos que estão formando muito bem, mas há outros que necessitam de uma revisão em seus projetos político-pedagógicos, como, por exemplo, os cursos de Farmácia com duração de apenas 3.200 horas, sendo que, com o novo currículo previsto pelas Diretrizes Curriculares que preconizam a formação generalista, o número estabelecido é de 4.500 horas, mais 20% de estágio supervisionado.

Outra deficiência é a qualificação insuficiente. A reciclagem do conhecimento não satisfaz as exigências emanadas do mercado. Por outro lado, o próprio usuário do medicamento é, também, mais exigente. Ele tem mais informações e é sempre estimulado a questionar, permanentemente. Há uma quantidade exorbitante de novos produtos farmacêuticos sendo lançados, no mercado, e o farmacêutico tem dificuldade de acompanhar as informações so-

“Há cursos que estão formando muito bem, mas há outros que necessitam de uma revisão em seus projetos político-pedagógicos, como os que têm duração de apenas 3.200 horas. As Diretrizes Curriculares preconizam 4.000 horas, mais 20% de estágio”.

Goiânia, sob a forma presencial, como projeto-piloto. Ou seja, em Brasília, seria um piloto e, em Goiânia, um desdobramento do piloto, mas já com as devidas correções e ajustes.

Acontece que, dado o sucesso ocorrido nessas duas capitais, e reparadas as imperfeições, resolvemos ampliá-lo para 12 módulos, de forma a atingir as reais necessidades do farmacêutico que atua na farmácia comunitária. Tenho que salientar que fazem parte desse curso professores de reconhecida capacidade científica nacional e internacional. Dado o sucesso alcançado e atendendo aos inú-

bre esses medicamentos. Como ele vai orientar um paciente sobre o uso desse novo medicamento, se não o conhece, com profundidade?

PHARMACIA BRASILEIRA – A lida do farmacêutico, no dia-a-dia, e o seu ambiente de trabalho influem na qualidade dos serviços? A sua capacidade profissional está sendo devidamente utilizada em favor da atenção farmacêutica?

Radif Domingos – O desvio de função é uma outra origem das deficiências. Ou seja, o farmacêutico está sendo confundido com gerente, balconista, administrador, deixando de lado a sua verdadeira função, que é prestar orientação correta sobre o uso do medicamento e fazer o acompanhamento do paciente.

Quanto ao ambiente de trabalho, tenho a dizer o seguinte: o farmacêutico tem que ter o seu espaço reservado e sagrado para atender ao usuário do medicamento (sala do farmacêutico). Infelizmente, a maioria não dispõe desse local. Falta-lhe, ainda, apoio logístico, como computador, livros, revistas e outras fontes de pesquisa e atualização, dentro da farmácia.

Não posso esquecer a baixa remuneração que, inevitavelmente, tem levado o profissional ao desestímulo e, por outro lado, à falta de condições para pagar a sua participação em eventos de atualização, como congressos, seminários, cursos etc. Em alguns casos, esse desestímulo o faz mudar de profissão.

PHARMACIA BRASILEIRA – O curso do CFF está ajudando a corrigir essas deficiências?

Radif Domingos – Mesmo não sendo uma atribuição sua, o Conselho Federal de Farmácia, atendendo às exigências do usuário do medicamento, que vem, a cada dia, solicitando a presença do farmacêutico no estabelecimento de serviço de saúde, que a farmácia comunitária, lança, em todas as capitais, o curso Exercício Profissional Diante dos Desafios da Farmácia Comunitária, com o objetivo de aprimorar o conhecimento desses profissionais e, também, fazendo com que os mesmos participem do contexto social brasileiro. Vale salientar que,



hoje, o farmacêutico está ausente desse contexto.

É humanamente impossível sintetizar o curso em 12 módulos, porém, após grandes discussões com professores do curso, concluímos que esses módulos atingiriam aquilo que

há de mais premente, no dia-a-dia da farmácia comunitária, no Brasil. O grande desafio é trazer a farmácia clínica que, hoje, é praticada em alguns hospitais do País, para dentro da farmácia comunitária.

PHARMACIA BRASILEIRA – O curso é composto de 12 módulos. O que eles contêm e com que objetivo eles foram concebidos?

Radif Domingos – Esses módulos foram cuidadosamente selecionados pela equipe de professores que integram o curso, procurando atingir a real necessidade enfrentada pelo farmacêutico que está à frente do estabelecimento, no que se refere à informação científica sobre medicamento. Para tanto, os professores, por sua vez, fo-

ram cuidadosamente selecionados, atendendo o que preconiza a Farmácia Clínica e a Farmacologia, disciplinas fundamentais para o exercício profissional farmacêutico.

O programa do curso reúne os seguintes módulos:

- *Introdução à Farmácia Clínica*
- *Aconselhamento ao paciente*
- *Informação para o uso racional de medicamentos*
- *Atenção farmacêutica*
- *Cuidados farmacêuticos em problemas respiratórios*
- *Cuidados farmacêuticos em processos inflamatórios*
- *Cuidados farmacêuticos em endocrinologia e metabolismo*
- *Farmacocinética Clínica*
- *Interpretação de exames laboratoriais*
- *Interações medicamentosas: medicamento-medicamento; medicamento-alimento e interferência dos medicamentos nas análises clínicas.*
- *Cuidados farmacêuticos em problemas digestórios*
- *Reações adversas a medicamentos*
- *Farmacovigilância e farmácia notificadora*
- *Representante da Unidade de Farmacovigilância / Anvisa*
- *O papel do farmacêutico na promoção da saúde*
- *Aspectos éticos do aconselhamento ao paciente*
- *Relações interpessoais e interprofissionais no aconselhamento farmacêutico*

PHARMACIA BRASILEIRA – Os professores que ministram as matérias do curso são autoridades nos assuntos. O senhor pode falar sobre eles?

Radif Domingos – O corpo docente é composto por professores de reconhecimentos nacional e internacional e com vasta experiência, o que nos dá a tranquilidade de podermos

atingir os objetivos do curso. Todos são excelências nos seus assuntos.

São eles Tarcísio Palhano e Ivonete Batista (RN), Lindemberg Costa (BA), Carlos Vidotti, Emília Vitória da Silva, Rogério Hoefler, Micheline Meiners e Janete Naves (DF), Arnaldo Zubioli, Roberto Bazotte e Walde- rez Penteadó (PR), Mauro Castro (RS), Dione Marçal (GO) e Ricardo Sá (CE).

Ressaltamos que outros professores que têm o mesmo perfil da atual equipe serão,

“Não há possibilidade de haver o aumento da dispensação de medicamentos, sem a correspondente evolução científica. Por isto, é importante que o farmacêutico esteja sempre atualizado, para não permitir o rompimento dessa parceria capital/ciência”.

também, convidados a participar deste programa para alcançarmos mais rapidamente os nossos objetivos.

PHARMACIA BRASILEIRA – As exigências feitas ao farmacêutico, tanto pela sociedade, quanto pelos sistemas de saúde público e privado, são enormes, o que torna imprescindível que o profissional atualize-se, permanentemente. O que o senhor prevê que irá acontecer com o farmacêutico que não buscar novos conhecimentos? Que espaço ele terá nesse mercado tão complexo e competitivo?

Radif Domingos – Hoje, vivemos no mundo da informação e do conhecimento. E o difícil é saber onde buscar tudo

isso. O Cebrim/CFF adquiriu todas as bases de dado existentes, no mercado, contendo o que há de mais moderno e atualizado sobre medicamentos. Possui, também, um banco de 1.500 perguntas e respostas sobre medicamentos. Uma vez concluído o curso, as farmácias deverão fazer convênio com o Cebrim, que poderá disponibilizar toda essa estrutura.

Portanto, esta é uma estratégia que o Conselho Federal de Farmácia está adotando, para colocar à disposição do farmacêutico, pela Internet, esse conjunto de informações, sem que ele tenha necessidade de se ausentar de sua farmácia. Assim acontecendo, haverá maior confiança do farmacêutico no exercício profissional e o aumento da demanda por sua procura. Consequentemente, acontecerá, também, aquilo que é o desejável: a fidelização do cliente. Portanto, o farmacêutico que não estiver atualizado e, também, não procurar qualificar-se, provavelmente, deverá mudar de profissão.

PHARMACIA BRASILEIRA – Soube que alguns farmacêuticos que fizeram o curso do CFF tiveram expressiva valorização salarial e pessoal. O senhor está sabendo disso? O que representa essa valorização?

Radif Domingos – Através das culturas científica e profissional, o farmacêutico deverá ter grandes conquistas, fazendo voltar à atualidade a expressão “vou consultar-me com o meu farmacêutico”.

Temos, sim, notícia de que alguns farmacêuticos, tanto em Brasília, quanto em Goiânia, que já implantaram o programa do Cebrim nas farmácias onde trabalham, tiveram excelentes resultados: houve um aumento

da demanda por sua procura e o ampliação do volume de vendas e, com isso, a sua conseqüente valorização salarial.

PHARMACIA BRASILEIRA – Essa valorização é um indicativo de que os empresários do setor farmacêutico (estou me referindo aos proprietários leigos de farmácias e drogarias) podem estar enxergando uma luz qualquer que diz ser possível existir um ponto de equilíbrio entre o interesse financeiro do estabelecimento privado, que precisa ter lucro, e o interesse sanitário do mesmo estabelecimento, que é de saúde?

Radif Domingos – Não há como desvencilhar o capital da ciência. Ambos andam, paralelamente, buscando sempre o crescimento. Por isto, não há possibilidade de haver o aumento da dispensação de medicamentos, sem que haja o acompanhamento da evolução científica. Por isto, também, é importante que o farmacêutico esteja sempre atualizado e, com isso, não permitir o rompimento dessa parceria capital/ciência. Este é o motivo de o CFF proporcionar a atualização.

PHARMACIA BRASILEIRA – O Brasil possui mais de 5.500 Municípios e cerca de 100 mil farmacêuticos. O CFF quer oferecer o curso a todos os farmacêuticos. Como isso será possível?

Radif Domingos – Sob duas maneiras.: 1ª) Curso presencial com 60 vagas, que foi já realizado, em Brasília, Goiânia, Cuiabá, Fortaleza, Maceió e São Luís e, em seguida, será ministrado, em todas as capitais do País; 2ª) Educação à distância, pela qual temos a intenção de atingir todos os farmacêuticos brasileiros, quaisquer que sejam as cidades onde eles moram, mesmo as mais longínquas.

Em Parnaíba (PI), serviços farmacêuticos ganham reconhecimento da população

- Casal de farmacêuticos presta importantes serviços, dentro e fora da farmácia de sua propriedade, em Parnaíba, no norte do Piauí: atua na atenção farmacêutica, faz programa numa rádio local e palestras nas escolas. Resultado: ganhou o reconhecimento da comunidade.

Pela estagiária de Jornalismo Janine Moraes (UnB), com a coordenação do jornalista Aloísio Brandão, editor.

Alguém chega a uma farmácia, em Parnaíba, no norte do Piauí, região litorânea do Estado, levando um doce para os farmacêuticos. Poderia ser uma melancia, uma galinha ou um outro singelo agrado qualquer de um paciente feliz, por ter tido um problema de saúde solucionado. Os farmacêuticos são Francisco Kleber Fernandes Aurélio e sua mulher, Aline Vêras. A farmácia, de propriedade do casal, chama-se Farmamil. Ali, belas histórias de vida relacionadas aos serviços farmacêuticos são lições profissionais.

Naquele estabelecimen-

O trabalho de orientação é feito, na farmácia, com segurança, graças à constante atualização e qualificação dos farmacêuticos. E é essa segurança que garante a continuidade do trabalho e sua viabilidade financeira



O casal de farmacêuticos Kleber Aurélio e Aline Vêras, com uma paciente: "Procuramos resolver situações particulares, de maneira particular"

to, os serviços prestados pelos farmacêuticos são muitos. Da orientação sobre o uso do medicamento às informações nutricionais básicas que auxiliam a terapia, passando pelas alternativas naturais (uso de plantas medicinais e fitoterápicos) seguras, até a distribuição de folhetos explicativos sobre doenças mais comuns na região. Tudo isso, e até mesmo uma palavra amiga reservada, movimenta o dia-a-dia dos farmacêuticos parnaibanos.

Formados pela Universidade Federal do Ceará (UFCE), Kleber Aurélio e Aline Vêras montaram a sua farmácia, há nove anos, em Parnaíba. O casal

busca, desde o início da carreira, conforme relata Kleber, "uma humanização na relação com o paciente".

Ele acrescenta: "Procuramos resolver situações particulares, de maneira particular", diz o farmacêutico. "Neste solucionar individualizado, a terapia torna-se muito mais eficaz, e erros banais podem ser evitados".

Os farmacêuticos, também, conseguem, com essa atenção especial, uma maior adesão ao tratamento. "O paciente é informado sobre as possíveis reações adversas, sobre as etapas da terapia e, consciente de tudo isso, as chances de ele abandonar o



Farmacêutico Kleber Aurélio orienta usuário de medicamento

tratamento diminuem, consideravelmente”, explica o Kleber Aurélio.

AÇÃO MULTIPROFISSIONAL - Mas Kleber ressalva: “A função do farmacêutico é orientar e não prescrever”, e acrescenta que as ações entre farmacêuticos e médicos podem trazer bastantes benefícios ao paciente.

“O engajamento dos dois farmacêuticos, as suas consciências sanitária e social de sua coletividade e as particularidades do atendimento, na farmácia e fora, explicam os agrados dos pacientes”

Uma prática comum, na Farmamil, conta o farmacêutico, é o encaminhamento do paciente a um laboratório de análises clínicas, para o diagnóstico de doenças. “O paciente já vai ao médico com o resultado do exame, o que evita, por exemplo, que um antibiótico que combate uma gama maior de bactérias que o necessário seja prescrito”, esclarece Kleber Aurélio.

Ele ressalta que o trabalho de orientação é feito, em sua farmácia, com segurança, graças à sua constante atualização. E é essa segurança que garante a

continuidade do trabalho e sua viabilidade financeira.

O paciente, explica, cria um vínculo com o farmacêutico, a partir do momento em que ele recebe atenção especial do profissional. O paciente desenvolve uma relação de confiança com o farmacêutico e, certamente, voltará a procurar aquele estabelecimento, pois ele percebe que, ali, não apenas são dispensados medicamentos, como também são oferecidos serviços farmacêuticos.



Campanha de Combate e Prevenção ao Diabetes e à Hipertensão Arterial, desenvolvida pelos farmacêuticos parnaibanos

CAMPANHAS - A orientação não se restringe à farmácia. Aline e Kleber fazem palestras em escolas, associações de bairro e têm um programa numa rádio local, duas vezes na semana, chamado “Momento Saúde”. O casal desenvolve, anualmente, com o apoio da Secretaria Municipal de Saúde de Parnaíba, o Projeto Campanha Farmamil de Combate e Prevenção ao Diabetes e à Hipertensão Arterial.

A campanha consiste em um dia dedicado à verificação da taxas de glicemia e da pressão arterial, avaliações físicas e à realização de palestras sobre diabetes e hipertensão. Questões como *o que é? O que causa? Como evitar? Como combater? E qual o papel do farmacêutico*

no combate controle dessas doenças? são esclarecidas nas palestras.

O evento é realizado com a participação de uma equipe de voluntários que reúne médicos, nutricionistas, professores de educação física, enfermeiros, policiais e técnicos de informática. Graças à estrutura montada, a campanha atende anualmente a mais de mil pessoas.

O engajamento dos dois farmacêuticos, as suas consciências sanitária e social de sua coletividade e as particularidades do atendimento, na farmácia e fora, explicam os agrados dos pacientes. “Um sinal de reconhecimento, que deixa a gente muito feliz, mas que deve ser sempre emendado com a nossa afirmação, depois do nosso muito obrigado, de que estamos apenas fazendo o nosso trabalho”, declara Kleber Aurélio.

A CIDADE - Segunda maior cidade do Piauí, a 320 quilômetros de Teresina, Parnaíba ganhou o título de *Capital do Delta*. Com belas praias, lagoas, dunas e um patrimônio arquitetônico preservado, é uma potência turística. O seu Porto das Barcas foi um importante centro de importação do comércio exterior do início do século XX.



Palestra nas escolas reforçam, na comunidade, aceitação aos serviços farmacêuticos